

## **Territórios Religiosos: Conexões entre o Passado e o Presente**

***Patricia Venzo Garcia Vithoft***  
***Mestranda em Antropologia Social do PPGAS/UFMT<sup>1</sup>***

LUCINDA, Maria da Consolação. *Territórios Religiosos. Conexões entre passado e presente*. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2016, 285 p.

O livro de Maria da Consolação Lucinda é uma etnografia sobre a Umbanda e as religiões de matriz africana em Valença, localizada no Vale do Paraíba Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Lucinda se interessou pela festa religiosa em louvor a São Jorge realizada anualmente no mês de abril, com procissão e festa envolvendo umbandistas, católicos e candomblecistas. A análise da autora propicia ao leitor uma crítica ao sincretismo e ao discurso da identidade nacional que se funda na ideia de mestiçagem pois, ao submetê-lo à teoria etnográfica permite reconhecer, como observou Goldman (2016: 21) no prefácio da obra que,

*Os territórios negros valencianos, lembra-nos Consolação, não podem deixar de ser percorridos por fluxos que os fazem sofrer ininterruptas adaptações. Ocorre apenas que esses fluxos não são apenas “históricos” – ou seja, conduzindo inexoravelmente de um polo mais primitivo ou atrasado até a modernidade. Esses fluxos são devires,*

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Núcleo de Artes, Performance e Simbolismo (Napas) e do Núcleo de Antropologia e Saberes Plurais da UFMT. Bolsista de mestrado da FAPEMAT.

*forças de resistência, que ora compõem com as forças dominantes, ora a elas se opõem de forma intransigente.*

Na introdução, estamos diante de um arcabouço histórico, demográfico e econômico sobre Valença. A economia de Valença realizou um percurso desde as plantações de café, pecuária, manufatura de tecidos, serviço público, setor comercial, ecoturismo e no contexto contemporâneo, o turismo rural é a principal fonte de emprego. Em um segundo momento, a autora traz a Pastoral do Negro como ponto de partida e porta de entrada ao campo, ressaltando que as disputas e os conflitos entre os segmentos católico, umbandista e candomblecista interferiram no processo inicial do trabalho. Dois centros de umbanda – Centro Espirita Pai Tobias e Vovó Catarina (CEPTVC), Canto de Caridade Caboclo Ventania (CCCV) – e o terreiro da Festa de São Jorge foram unidades de investigação, privilegiando os discursos dos agentes religiosos sobre suas práticas, tratando os territórios como cenários por onde os sujeitos se movem e interagem, ressaltando a preponderância feminina no ofício de chefiar os terreiros e a possessão como acessível a qualquer dos sexos.

A pesquisa etnográfica incluiu a utilização de questionários estruturados, com perguntas objetivas, entrevistas semiformais, notas de campo, conversas informais e regulares, dados de literatura antropológica e hagiográfica e observação. Destaca a dificuldade de sua pesquisa diante das fontes de informações complexas relativas à memória social institucionalizada e aquela, plural e densa, dos terreiros religiosos. Além disso, se deixou “afectar” pelos agenciamentos coletivos, nos termos de Favret-Saada (2005), pois sua presença no contexto da pesquisa se integrava à cena e em alguns momentos à própria narrativa.

O conceito de agency de Gell (1998) e o de ator-rede de Latour (2005) foram importantes suportes para a reflexão de sua pesquisa, além do conceito de território existencial de Guattari (2008). O conceito de agência permitiu evidenciar os nexos entre o segmento católico e o umbandista no reconhecimento de posições ocupadas e papéis desempenhados pelos agentes religiosos, ajudando a captar seu movimento, a organizar suas narrativas e destacar articulações entre ambos os segmentos (LUCINDA, 2016: 41). O conceito de ator-rede, situa os agentes nas posições que ocupam nos eventos, nas interações e nas relações estabelecidas no interior e no exterior de espaços celebrativos (LUCINDA, 2016: 42).

Assim, a ideia de rede foi explorada a partir da pluralidade de agentes e elementos que conformam o universo religioso, identificando os nós da rede de relações entre católicos e umbandistas a partir de ideias-conceitos, noções e proposições. (LUCINDA, 2016: 43). O conceito de território como uma área demarcada onde o(s) indivíduo(s) exerce(m) poder, para além do espaço geográfico, conjuntamente com território religioso tomado de empréstimo da abordagem de Dianteill, favoreceu a sistematização e descrição interpretativa do material da Festa de São Jorge. As dimensões políticas, territoriais, religiosas, se combinam e introduzem as dimensões relativas ao parentesco e à organização por intermédio do conceito de território religioso supradito. O território religioso é, nesta perspectiva, a forma assumida por estruturas, incluindo o modo de distribuição espacial e de gestão do espaço, além da intenção de inscrever significados na paisagem, com alcance coletivo (LUCINDA, 2016: 48).

Em seu primeiro capítulo, Lucinda aborda os agenciamentos e territórios religiosos. Aspectos da fundação da cidade e da atuação da Igreja Católica

possibilitaram agenciamentos no séc. XIX envolvendo devotos da Virgem do Rosário e representantes de outros segmentos, de modo que a Igreja Católica foi fundamental no jogo das relações sociais. A irmandade do Rosário e sua importância diante da dinâmica social da cidade, e a figura de Miguel Tomaz, preto forro que “esmolava” para arrecadar recursos para a construção da capela do Rosário, ganham destaque neste capítulo. Outro aspecto abordado são as resistências e as memórias atualizadas pela consagração do Memorial Afro-Valenciano que possui artefatos e materiais que, expostos, reterritorializam hierarquias determinantes dos segmentos sociais. E por fim são abordados os desafios e prioridades da Pastoral.

A Umbanda e as expressões religiosas de matriz africana movem o capítulo dois. A macumba e a umbanda em Valência, possuem o mesmo significado, sendo macumba o termo usado pelos agentes religiosos referentes às práticas e experiências, e não para definir um pertencimento religioso (Lucinda, 2016). A autora aborda a umbanda com base nos estudos antropológicos preexistentes e na análise dos materiais observados em Valença, enfocando as relações e inter-relações dos segmentos umbandistas e católicos.

No capítulo três, a autora apresenta alguns aspectos da umbanda evangelizada praticada no Canto de Caridade Caboclo Ventania, destacando elementos dos discursos do chefe do terreiro CCCV e de outros agentes. Primeiro, descreve sua acolhida pelo jovem pai de santo Daniel de Ogum, de 28 anos, apresentado por Lília de Iansã, mãe de santo coordenadora da equipe organizadora da festividade de São Jorge, cujas conversas aconteceram espontaneamente, sem sobressaltos, seguido da descrição da dinâmica do terreiro, com sua programação com cinco reuniões semanais de atividades, incluindo passes magnéticos, aconselhamentos, “terapia alternativa” “balanceamento energético”, “encaminhamento espiritual”, tratamentos espirituais, promoção de ações sociais, atividades extraclases com crianças, organizações de almoços e jantares dançantes.

O capítulo quatro, a autora se volta às experiências religiosas dos parentes de sangue e de santo da chefe do Centro Espírita Pai Tobias e Vovó Catarina (CEPTVC). A ideia de destino aparece atrelada às características do saber prático, sendo o compromisso e a responsabilidade traduzidos em zelo, esforço e em importância dada ao treinamento para dar suporte ao trabalho espiritual e religioso. Em princípio é realizada uma descrição da trajetória das gerações da família Ladislau, em especial do Senhor João Ladislau que entrou para a umbanda por problemas de saúde familiares, que desencadearam problemas financeiros.

O último capítulo do livro foi dedicado a responder à questão de por que uma homenagem a um santo católico é celebrada em um centro de umbanda e reúne devotos da região e de cidade vizinhas? Em um primeiro momento, a história de São Jorge, um dos santos mais venerados do catolicismo, que não se encontra no martirologio da Igreja Católica Apostólica Romana, e cujo culto foi retirado do calendário em 1960 por não haver provas de sua existência, é retratada. A festa no contexto etnográfico do livro surgiu na paróquia Sebastião do Monte e teve sua 1ª edição na década de 1980, por iniciativa do Senhor Nelson Carroceiro que organizou o evento nas dependências da igreja. A tenda umbandista se tornou local de peregrinação, sendo posteriormente construída uma pequena capela junto ao portão da tenda para visitação da imagem de São Jorge.

Para a realização do evento, o coletivo conta com o auxílio de recursos de diferentes tipos de apoio, tanto governamental, como por exemplo, a cessão de uso temporário do batalhão local do Exército brasileiro desde o ano de 2006 e de pessoal para apoio. Toda uma estrutura é montada alterando a dinâmica e a paisagem do Bairro de Fátima, pois conforme o engajamento do público com a festa, as casas situadas no percurso do santo são enfeitadas. A festa tem duração de quatro dias e a procissão de encerramento tem um público médio de quatro mil participantes. O rompimento entre o senhor Nelson e a família de Glorinha, as desconfianças, as insatisfações e as intenções de reaproximação entre as famílias são traçadas ao final deste capítulo. Assim como a trajetória da tensa e o projeto do parque de exposições.

Nas considerações finais a autora menciona as desconfianças levantadas por suas pesquisas, como se fossem uma forma de controle e intervenção governamental ou de alguma federação disposta a encontrar possíveis irregularidades. Relembra da importância da colaboração de todos os sujeitos e do tratamento como atores-rede em que seus feitos, suas atuações e a importância que tem no universo investigado resultam e fazem parte das relações de pertencimento, de modo que as aproximações e os distanciamentos foram constantes. Conclui que a articulação dos sistemas religiosos indica compatibilidades que vão além do sincretismo, da correspondência entre santos e orixás, em que a estrutura mística dos cultos afro-brasileiros em Valença, constituiu-se de um diálogo entre os negros e “outros interlocutores”.

Deste modo, o livro, *Territórios Religiosos. Conexões entre o passado e o presente* é, portanto, um convite reflexivo ao fazer etnográfico, em diálogo com noções como herança e memória, que permite compreender as articulações e a dinâmica dos mecanismos existentes nas relações imbricadas entre os sujeitos, as religiões e o poder público.

## **Bibliografia**

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo*, 13:155-161, 2005.

GELL, Alfred. *Art and Agency: an Anthropological Theory*. Oxford: University Press, 1998.

GUATTARI, Félix. *Caosmose. Um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social. Uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

**Recebido em 09/11/2016.**

**Aprovado em 26/11/2016.**